

Apaixonada por gramática

Angélica Agostini lamenta o esquecimento da gramática no ensino de Português

Felipe Barra

A profissão de professora apareceu na vida da paulista de Cajubi Maria Angélica Roma Agostini, 43 anos, quase por acaso. Antes de ingressar no curso de Letras do Ceub, no final da década de 70, ela era apenas uma técnica em enfermagem. Mas sua experiência em teatro amador, adquirida quando ainda era adolescente, fez com que fizesse opção na área de humanas. Nascia uma professora de Língua e Literatura Portuguesa, apaixonada por gramática.

Angélica — como gosta de ser chamada — começou sua maratona como professora de Português no colégio Projeção, no Guará. Cinco anos depois foi aprovada em um concurso da Fundação Educacional do Distrito Federal, passando a lecionar no Centro Educacional 5, em Ceilândia, onde ficou quatro anos.

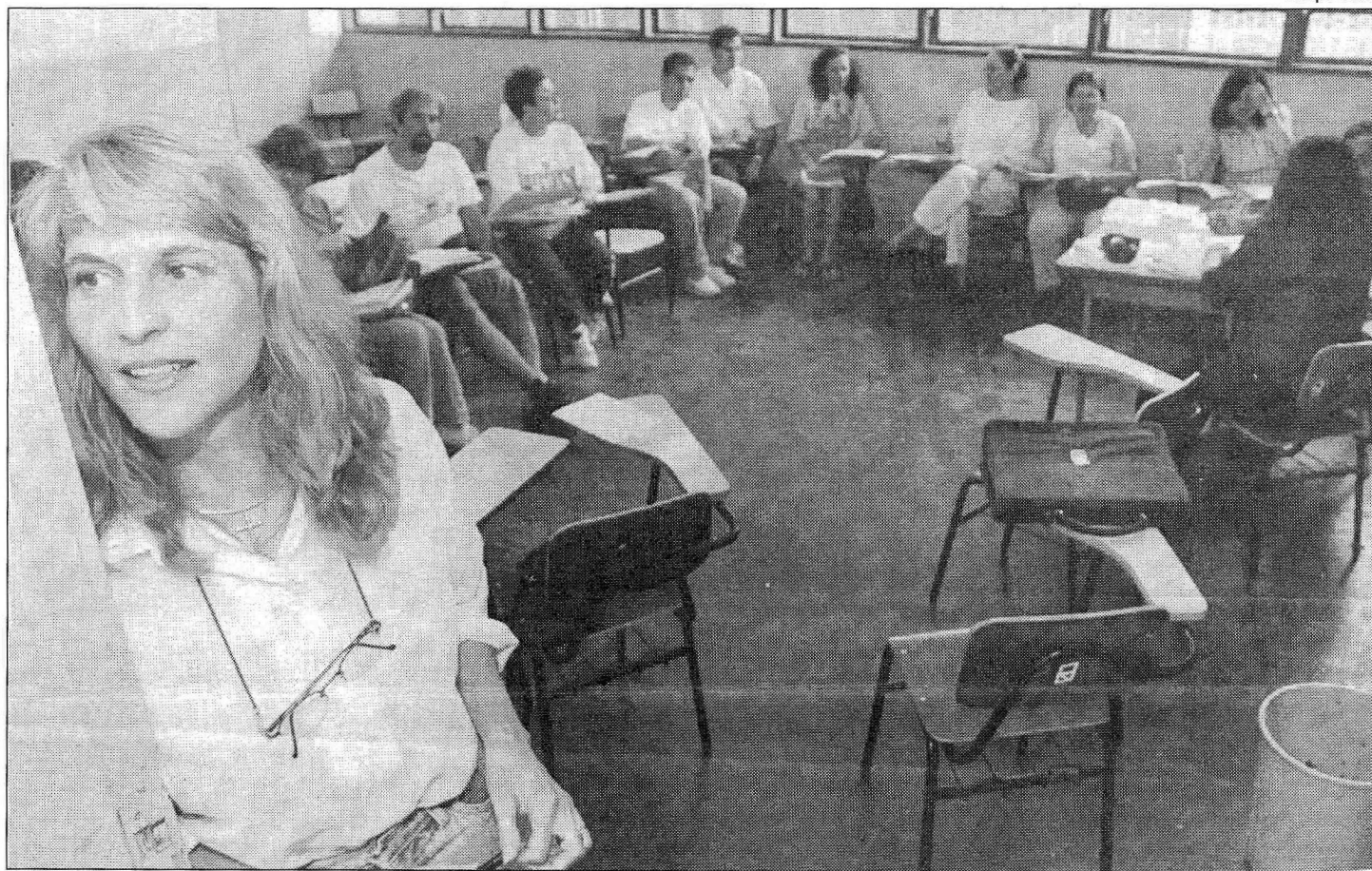
Em 1991 foi transferida para o Centro Educacional 2, no Guará. Elogiada profissionalmente pelas colegas, há três anos teve de abandonar o que mais gosta de fazer: estar em contato direto com os alunos nas salas de aula. A direção do CE-2 requisitou os seus serviços como assistente pedagógica.

“Nessa função fazemos um pouco de tudo. Todos os problemas que acontecem na escola caem em nossas mãos”, comenta. Diante de tantas tarefas a cumprir, Angélica considera a falta de funcionários a grande dificuldade do atual cargo que ocupa. “A parte pedagógica acaba ficando um pouco de lado”, reclama. “Mas melhorou muito nos últimos dois anos”, pondera.

Sala de aula

Mesmo gostando do trabalho que desenvolve na área pedagógica, a professora espera retornar às salas de aula em um curto espaço de tempo. “Gosto de estar ao lado dos estudantes. Me sinto realizada. Sempre me dediquei integralmente aos alunos e já estou sentindo falta”. Angélica conta que sua maior motivação é estar ensinando e acompanhando o crescimento dos alunos.

Apesar de o Português ser considerada uma matéria “chata” por grande parte dos estudantes,



De técnica em enfermagem, Angélica Agostini chegou a professora de Português, profissão que adora

a professora avalia que suas aulas passam longe da monotonia. O teatro, expressão corporal, leitura interpretativa de poemas, servem como subsídios para quebrar a rigidez. “Na sala de aula dá sempre para inovar e criar fórmulas de ensinar. Já na área administrativa é sempre a mesma rotina”, revela.

Angélica acredita que o segredo para trabalhar com adolescentes — a professora sempre lecionou para turmas de quinta à oitava e segundo grau — é ter paciência e não deixá-los desocupados. “É extremamente importante manter os alunos sempre muito envolvidos nas atividades”, lembra.

E esse envolvimento, segundo Angélica, é alcançado com uma vasta programação. As redações são escritas somente na sala da escola, durante as aulas. “Se não fizermos isso, não dá para avaliar o aluno. Tarefas em casa podem ser feitas por outras pessoas”.

Gramática

Angélica se mostra preocupa-

da com a maneira com que a Língua Portuguesa está sendo ministrada. Na sua concepção, a gramática — parte da disciplina que ela avalia como uma das mais relevantes — foi esquecida no pro-

cesso de aprendizagem e a maioria dos professores optaram pela simples interpretação de textos.

“A gramática foi deixada de lado ou está sendo dada de maneira superficial. A gente percebe

isso, sem muito esforço, quando vemos a dificuldade de um aluno procurar palavras no dicionário”, observa.

RICARDO CINTRA

Repórter do Jornal de Brasília